



Gaiato

4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 26 de Junho de 1993 • Ano L - N.º 1286 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

BENGUELA

A situação do povo é trágica!

ESTOU sem forças para escrever e sem vontade. A situação deste povo é trágica! Ao longo dos quase 30 anos d'África em Angola, a Obra da Rua não tinha feito uma experiência igual à de hoje com tamanha dimensão em quantidade e qualidade. Os meios de comunicação social têm sido eco da desgraça que caiu sobre este povo. Nenhuma guerra matou tanta gente em tão pouco tempo como a de agora. Nem tanta destruição. Nem tanta gente morreu de fome e de doença como na hora actual, a ponto de se afirmar que está em causa a própria existência dum povo.

Há dias, num acampamento de refugiados bem perto de nós, seis mães deram à luz os filhos mortos, antes do tempo, por causa da fome. Todas as manhãs, dezenas de pessoas sentam-se à porta da Casa do Gaiato na esperança numa caneca de farinha de milho para si e para os filhos. Ficam o dia inteiro porque pensam ser possível até à última hora. A cena repete-se em muitos outros lados. Crianças subnutridas, ao colo das mães com os peitos secos, quase não têm força para chorar. A guerra feita pelos homens desta terra, em nome do povo e para o salvar, é a causa primeira deste genocídio. Que contradição!

Sentimo-nos impotentes perante a força de tão grande mal. Mas não queremos ser vencidos. A Esperança deixa sempre uma porta aberta.

Valendo-nos dos meios ao nosso alcance, agarramo-nos a eles como a uma tábua de salvação. A pouco e pouco, não podendo dar a todos, vamos salvando os que podemos. Ao meio-dia, de todos os dias, cerca de duzentas pessoas, não contando os filhos, comem uma refeição quente feita por elas mesmas, comida em suas tigelas ou coisa parecida, à sombra das palmeiras, sentadas no chão, em grupos, como *naquele tempo* nas encostas dos montes. O pouco que vamos conseguindo no bater a uma porta e outra, multiplica-se e chega para todos. Ao fim-de-semana ainda levam para as cubatas o que sobra, pois o resto da família aguarda a chegada deste alimento como última esperança de vida.

À hora em que escrevo estas notas vêm dizer-me que a farinha já não dá para todos. Espero encontrá-la a tempo e horas.

Os que têm algumas forças pedem trabalho. Como há o serviço no campo, põem a render aquilo de que são capazes. Assim, em vez de ficarem de braços caídos ou levantados à espera do pouco que recebem, trabalham e ficam mais felizes.

Bem sabemos que é uma gota no oceano e que uma multidão fica de fora. Fazemos o que podemos.

Estamos nos 40 rapazes e todos, ainda, na casa-mãe, pois a insegurança não me dá alento para ocupar uma das outras casas já recuperadas, apesar de em geral respeitarem a nossa Casa. Efectuámos as sementeiras. Não nos tem faltado entusiasmo para trabalhar e procuramos transmitir Esperança. Que a paz chegue!

Padre Manuel António

Os nossos cinquenta anos

Celebrados muito em família e com simplicidade

FORAM, pois, celebrados, muito em família, com a simplicidade anunciada. Meia dúzia de Amigos, dos poucos que restam do tempo da fundação desta Casa e a ela ligados, foram os nossos convidados. Padre Baptista presidiu à celebração dos «padres da rua». Depois o jantar, cuja nota mais festiva foi a surpresa de um monumental bolo de aniversário com as velas do estilo que os nossos dois mais pequeninos sopraram no meio de grande algazarra.

Mas o dia não deixou de ser condimentado. De sabor acre: uma aventura de que uns tantos meninos se lembraram naquele dia; e a lembrança dos nossos em Angola participantes da agonia daquele Povo. Quanto nos dói o seu sofrimento e nos conforta a sua coragem e determinação!

Mas foram muitas as presenças dulcificantes. Logo de manhã, um telefonema de Bremen, de um dos «velhos» desta Casa, a dizer da sua vivência com os que cá estamos e a anunciar o desejo de vir aqui baptizar o seu mais novo «rebento» em dia de Pai Américo. Momentos depois, aparece o que foi o primeiro chefe-maioral do Lar do Ex-Pupilo, açodado, com receio de chegar atrasado, supondo que a celebração seria de manhã.

Uma nota inesperada e muito simpática foi-nos dada por um *antecessor* dos nossos rapazes, alguém que passou pela Casa Pia de Paço de Sousa que há cinquenta anos deu lugar a esta Casa do Gaiato:

«Nasci a dois passos de Paço de Sousa em 1923. Aos 2 anos era um rapaz da rua, na cidade do Porto. Em 1929 ingressei na Casa Pia

de Paço de Sousa. Era directora a saudosa D. Maria de quem tenho infinitas saudades. Durante quatro anos calcorreei todos os recantos desse santo lugar. Quando saí, levei outro rumo que me custou imenso a adoptar. A vida foi dura. Já vos visitei há anos em período de férias. Assinei toda a obra de Pai Américo. Fui sempre amigo de vocês. Algumas vezes tenho visitado o Padre

Baptista a quem venero. Quem entra em Beire sente a corrente da Providência Divina que circula em redor de todas as casas.

Pai Américo está sempre presente junto dos gaiatos. Eu considero-me um gaiato, dos que inspiraram o Pai Américo. Desde a primeira hora que sigo as pisadas dele e sempre estive a seu lado.»

Continua na página 4

CALVÁRIO

A Ciência é capaz de explicar a situação mas os homens ficam sem saber como responder-lhe

AO cair vagaroso desta tarde primaveril, um casal de meia idade transpõe o portão do Calvário. Cumprimentam-me delicadamente e pedem desculpa por virem expor uma situação que conhecem e com a qual se vêem aflitos. A voz é tímida, mas serena. A convicção, no entanto, de que não poderia ficar indiferente — essa é bem forte e profunda:

— Sabe?, nós nem dormimos só de pensar no Artur! O senhor vá e veja e faça o que puder.

Não trazem cartas de recomendação, nem é preciso, que a simplicidade e postura são a melhor apresentação.

— Não é longe. Vá até lá, acrescentam.

A inquietação deste casal passa a ser minha, também.

E, na manhã seguinte, ponho-me a caminho. Subo à serra da Agrela e desço as sinuosas curvas que conduzem às terras da Maia. É sempre agradável este percurso, verde, frondoso. Depois das árvores da montanha surgem os vales macios e bem tratados. A casa é à beira da estrada. O pai recebe-me à porta. É um homem envelhecido e cansado. Começa logo por narrar a história da família. Está só com o filho. Os anos levaram-lhe as forças e os entes familiares.

— Só tenho comigo o Artur. Mas venha vê-lo.

Continua na página 2

Um campo de flores na terra batida...

É sempre possível um campo de flores na terra batida...

Desde que lavrada e curtida à chuva, ao sol! E depois semeada, no silêncio, em qualquer madrugada!

Malanje, 19/5/93

Padre Telmo



Conferência de Paço de Sousa

CASAS PARA POBRES — Ao longo da história do Património dos Pobres (aqui nasceu), em casos pontuais, muito excepcionais, não sendo a moradia geminada, temos já compartimentado uma ou outra para dar tecto a indivíduos solitários — mas com o mínimo de independência na sua vida privada.

Em tempo, assim aconteceu à casa do Pessoal dos Caminhos de Ferro da Beira (Moçambique) que trouxemos no coração, da viagem de Pai Américo às terras do Índico em 1952. Numa parte da moradia, um viúvo mai-lo filho. Noutra, um velho que também fora trabalhador agrícola; e, agora, por força da idade, dos achaques, a família resolveu, e muito bem, tomar conta dele.

Nem sempre acontece, deste modo. Hoje, muita gente procura alijar a carga..., por várias circunstâncias!

É mais humano e cristão manter os idosos no seio da família! Não os abandonar em ghettos (alguns, preciosos d'achonchego) que motivam traumas, quiçá a morte de alguns deles.

A casa do Pessoal dos Caminhos de Ferro da Beira tomou à primitiva forma, no Dia do Corpo de Deus, com alegria para nós outros — e para os utentes. Pai e filho estudaram o arrumo dos móveis, de tudo. Já usufruem a sua casa em plenitude!

A FAMÍLIA — Citamos, do SAI: «Braga toma a dianteira com um plano pastoral para o Ano da Família (1994): 'Porque é o cerne da sociedade, tem de estar presente como preocupação prioritária em todas as áreas de intervenção pastoral'. Serão realizados «encontros, quer para o clero quer para a comunidade com o sentido de sensibilizar estes para (a referida) problemática». Do programa constam os objectivos fundamentais: «Sensibilizar a diocese para a importância do tema; «informar as famílias sobre os recursos de apoio disponíveis; formar agentes qualificados e sensibilizados para o acompanhamento e apoio das famílias e mobilizar as comunidades cristãs da diocese». Muito bem, senhor D. Eurico!

PARTILHA — Assinante 9893, de Lagoa (Algarve): «Olá gente corajosa! Que a Paz e Alegria de Cristo estejam convosco. Venho dar a minha migalha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Felicidades e até à próxima».

Cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados e em geral dos mais envergonhados, pelas intenções que o bom Deus sabe, pois Ele conhece todas, sejam elas quais forem».

Assinante 31104, de Lisboa, constante no voto de há muitos anos: «Embora um pouco mais tarde (no último dia do mês) não esqueci os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Guardo no mais puro do meu espírito os entes queridos que não posso esquecer. Por suas almas, o meu coração abre-se para o sofrimento dos

Pelas CASAS DO GAIATO

que precisam. Que Deus assim o entenda e os guie nos caminhos luminosos do Além. Não posso fazer mais!» Caminha nas veredas do Senhor!

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, aí está «com muito carinho sempre que envio tão pequena soma para tantas necessidades».

O costume, de Santa Cruz do Douro (Baião); e o dobro duma assinante anónima, de algures, «para ajuda da compra de medicamentos — por alma de meus pais».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PISCINA — Já se lembraram dela. É um local muito importante para ocuparmos os tempos livres. A malta toma lá uns ricos banhos.

ESCOLA — O tempo lectivo está quase no fim. Só mais uns pontinhos e acabou. Noventa por cento dos rapazes estudam e trabalham, excepto os mais pequeninos. Faltam poucos dias para que os estudantes tenham a certeza de que valeu a pena o seu esforço.

FRUTA — As ameixoeiras estão carregadas. Mas ainda não estão maduras. Esperamos uma grande colheita.

AZURARA — Os carpinteiros e os trolhas foram para lá reparar a nossa casa e prepará-la com vista ao primeiro turno. Com este tempo (chove, não chove) é um problema! Deus permita que nas férias grandes

a chuva não nos estorve. A praia quer sol!

«Vitinho»

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

ENCONTRO-CONVÍVIO — Como se aproxima o nosso 15º Encontro, em 4 de Julho, domingo, vimos convidar-te para estares connosco na Casa do Gaiato de Setúbal. Comemoraremos o 12.º aniversário da Associação. E servirá para fortalecermos os laços que nos unem.

O anterior, realizado a 6 de Junho, na Baixa de Palmela, foi um bom motivo para nos reencontrarmos, aprofundar amizades, sempre no sentido da responsabilidade e da solidariedade que caracteriza todos os associados.

Programa — 8,30h — Concentração no Lar de Setúbal; 9h — Partida da caravana, em direcção à nossa Casa do Gaiato em Algeruz; 10h — Celebração da Eucaristia; 11,30h — Reunião da Associação para se tratar de assuntos de interesse e eleição dos novos corpos gerentes; 13,30h — Almoço; 17,30h — Merenda; 20h — Dispersão.

Américo Correia

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — No aspecto agrícola, em nossa Casa, a batata é rainha. Depois do mau tempo que dizimou os

batatais, deixando-os com as folhas muito secas, agora é a colheita. Começamos no olival dos poços, que desde o início deu muito trabalho porque a erva se superiorizou. Arrancada, voltou a crescer e, hoje, dá muito que fazer, pois não vemos a rama das batateiras e surge o inevitável: algumas batatas cortadas! A colheita não é das melhores. Pouca quantidade. Mesmo assim, ainda surgem, de vez em quando, bons tubérculos. Semeámos o milho. Agora esperamos vê-lo crescer. As árvores de fruto, apesar de serem poucas, prometem uma abundante colheita.

ANO LECTIVO — Terminaram as aulas para os rapazes do Ensino Unificado e do Complementar. No Lar de Coimbra, porém, continuam ainda com actividades escolares. Foi um ano com alguns sobressaltos, mas perspectiva-se muito frutuoso. Prevedemos um aproveitamento de 100%.

As nossas escolas continuam a funcionar até ao fim de Junho, assim como os do ensino nocturno.

António Maria

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com imenso prazer que recebemos cartas dos leitores com mensagens de apoio. Somos recoveiros das vossas ofertas e palavras de conforto. O tempo de que dispomos é pouco para atender todos os pedidos, mas tentamos sempre dar o nosso melhor aos Pobres.

Na última visita a duas Pobres ficámos um pouco tristes e pensamos que quanto mais pobres maior é a miséria. Parece que tudo desaba nos seus lares! Uma delas tem o sobrinho preso, mas o pior é que ele é muito doente e tem problemas pulmonares. Recebe assistência médica na cadeia, mas as melhoras são poucas. Para além deste sobrinho, um dos filhos casado é bastante doente. Ele e a mulher. Será operado ao esófago e estão com receio de que não aguente a operação porque está muito fraco. A mãe chora, porque ele é desempregado; portanto, ao ser internado, deixa de ganhar, uma vez que plastifica documentos na rua e vende bugigangas. Quem sustentará aquele lar

com duas boquinhas pequenas a pedir de comer!? Já estamos a dar ajuda, mas vamos redobrar porque é um caso pontual. Como este, há muitos na mesma situação.

A outra Pobre visitada estava doente. A irmã também. Problemas graves de saúde. Fez uma série de exames. Mas, segundo a opinião dos médicos, as melhoras serão poucas. Mãe de quatro filhos — de 18, 17, 14 e 7 anos — quem lhes dá muito apoio é a tia, deficiente motora.

Contamos com a vossa participação e pedimos ao Senhor que proteja estas famílias que precisam de todos nós.

O QUE RECEBEMOS

Da nossa muito amiga, da Rua Lindo Vale, roupas e 2.000\$00. Assinante 23312, 2.000\$00. J.R.D. 2.000\$00. Amiga da Holanda, 7.000\$00 e sempre uma palavra de carinho e entusiasmo pelo nosso trabalho a favor dos irmãos mais carenciados. Os nossos amigos estão em nosso coração e o Senhor nunca os esquece. Por isso, não há atrasos na vossa correspondência. Que o Senhor lhes dê sempre esse espírito de entusiasmo. Ele pede operários para a Sua Messe e nunca seremos demais para ajudar o nosso semelhante. Vale do correio, 5.000\$00, de amiga, da Póvoa de Varzim. M.M., 5.000\$00.

A todos os que apoiam os nossos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto

Casal vicentino

CALVÁRIO

Continuação da página 1

Atravessamos a casa e saímos pelas traseiras. Numa despensa de cimento frio e desconfortável, uma caixa de madeira, cheia de sacos apodrecidos, exalando cheiro a urina, é o ninho onde se encontra o rapaz.

— Já fez quarenta e seis anos, diz o pai abanando a cabeça.

Mas ele aparenta cinco ou seis, de tão pequeno. A face esquelética, os olhos vivos mas vagos, rodam em todas as direcções. As mãos, os pés, o rosto, o corpo estão em movimento permanente. Os músculos agitam-se todos constantemente. Arrepiada e impressionada este ser humano tão frágil, tão distante de tudo. Não conhece ninguém. E aqui escondido, raros sabem que ele existe.

A Ciência é capaz de explicar esta situação e classificá-la. Mas os homens ficam sem saber como responder-lhe.

Este rapaz é um mundo de interrogações. Ficámos de mãos atadas, sem saber como pegar-lhe. Mas pegámos e recebemo-lo no Calvário.

É um tormento cuidar dele. Estamos habituados a casos parecidos e pacientemente adaptamo-nos a eles. Mas o pior estava para vir. Uma broncopneumonia surge, não sei bem por onde, os cuidados não faltam, mas todos incapazes de travar a marcha rápida da doença súbita. Um ser normal, com defesas acumuladas, resistia. Mas este é débil demais e sucumbe. Como ave frágil o Senhor leva-o consigo.

Esta situação já se tem repetido algumas vezes entre nós. Não nos conformamos e tentamos explicar e compreender.

No quartito onde este rapaz vivia a flora microbiana ali existente, vivia há anos com o Artur em harmonia perfeita. Entendiam-se. Mas aqui a flora é outra. Não conhece o Artur nem este veio preparado para conviver com ela. E gera-se o conflito; a prova



O nosso Ricky é acarinhado por toda a comunidade





O lançamento da primeira pedra das oficinas da Casa do Galato, em Maputo (Moçambique).

MOÇAMBIQUE

Um povo que sofre, quer viver

Na oração comunitária lembramos as nossas Casas do Gaiato, com intenção muito especial as de Angola. Se bem que os nossos padres de lá dêem notícias, o coração pula-nos quando qualquer acontecimento aponta para o acirrar dos ânimos beligerantes naquele país.

Moçambique tem desfrutado de paz. Todavia, como simples ausência de guerra, não é verdadeira. O modo de produzir a informação denota, muitas vezes, que o espírito, se não tendencioso, não é pelo menos isento e prudente. A transição à paz de espírito — que ainda não existe — demorará. Não só porque o povo não ensaiou a democracia que, de si mesma, vai ser aguerrida ideologicamente. Mas porque há uma vivência profunda de antagonismo e uma preparação táctica de adesão partidária que o manterá vivo. Para além disso e de muitos outros males que a guerra causou, há uma tendência forte de o povo fazer justiça por suas próprias mãos, perante o alheamento da autoridade, afectada com os seus próprios problemas.

Vivemos, aqui, um fim-de-semana tenso: uma morte violenta, na Massaca I,

de resistência. Médico amigo disse-me, há tempo, que em África isto é frequente. Alguns doentes vivem em cubatas imundas, mas vivem. Entretanto, no hospital, higiénicamente perfeito, em poucos dias estão com problemas do foro pulmonar e muitos não resistem. A flora não os conhece e mata-os.

Haverá vacinação possível para estas situações?

O pai do Artur veio e desabafou: — *O meu menino aqui está tão limpo! Tão cuidado! Mas ele é tão fraquito! Que havemos de fazer?*

Que havemos de fazer?... Ir por outros e tentar.

Padre Baptista

por indivíduos que levaram o carro ao motorista que lhes deu boleia. O povo reclamou, da autoridade, o castigo dos culpados que entretanto foram presos. O administrador do Distrito prometeu trazê-los aqui. Correu célere a notícia de que vinham para ser linchados e logo alguém juntou cinco pneus e entregou ao secretário da Aldeia. Ficámos a tremer e a temer que tal sucedesse. O administrador é uma pessoa muito respeitada e ponderada. Não cabia pensar que tal permitisse.

Vieram, pois, acompanhados de várias autoridades, apresentados ao povo, sendo aproveitada a ocasião para ensinar que a justiça é com os tribunais. Muitos ficaram insatisfeitos. Os pneus desapareceram logo. Valeu bem a lição oportuna e intencionalmente bem dada. Houve uma

situação correcta: a do povo apelando justiça às estruturas do Governo, que actuaram em conformidade. Mas quantas vezes tem aplicado justiça à revelia das autoridades.

Neste momento, quanta falta fazem as igrejas e capelas de Missão espalhadas por Moçambique! Havia uma presença assídua aos actos de Fé. Os missionários e catequistas corriam o terreno; viviam bem junto do povo. Poucos tiveram a possibilidade ou a coragem de permanecer. A guerra não permitiu a residência fixa e, em muitos casos, até as visitas esporádicas às comunidades foram ocasiões de muitas mortes. Cada Congregação religiosa, que está presente em Moçambique, tem os seus mártires do dever de evangelizar. Em reunião do clero, o Cardeal de Maputo dizia que já houve, nesta

diocese, a passar de trezentos missionários. Hoje não chegam a noventa. Todos assoberbados com trabalho e muitos já idosos. Embora a força da Fé se torne, em tantos, mais transparente com a idade, há montanhas de obstáculos a arrumar para ocupar e equipar capazmente as antigas Missões e começar tudo de novo.

Correm, para aqui, os agentes económicos em furiosa expansão de interesses, vindos de todos os cantos do Mundo. A Igreja faz campanhas para matar a fome, o que é fácil onde as sobras abundam. Aqui, porém, a sede de Deus tem de ser soprada nas cinzas. Um povo que sofre, quer viver. «Eu vim para que todos tenham Vida e a tenham em abundância». Quem acredita nesta Palavra eterna?

Padre José Maria

MALANJE dia-a-dia

12/5/93

Vieram o Elias, Jerónimo e Afonso, pais de família que com elas se refugiaram na cidade. Eles viviam felizes numa das aldeias que nos circundam. Tinham suas lavras de mandioca, hortas e árvores de fruto. Tudo foi roubado até às raízes. Começaram agora a levar-lhes as chapas da cobertura de suas casas. Acusam, já pela magreza, a grande falta de comida... «*Pelo menos 1 kg de arroz e feijão para uma refeição dos filhos...*» Outros dias e outras refeições?! «*O dinheiro acabou, comida acabou...*»

Haverá o punhado de arroz e feijão que nos ia chegando pelo voo e oferta da organização PAM. Suspenderam os voos. Por quanto tempo? Se o Governo não intervier — como é sua obrigação — por quanto tempo este povo sofredor aguentará a fome?!

13/5/93

Mesmo nas bombas do sr. Maneco, um rapaz aí dos seus 11 anos deitado no chão.

— Doente?

— *Talvez, fome...* — responde o sr. Maneco. E continuou:

— *Todos os dias vem e lhe dou qualquer coisa. Que vivia com uma irmã e já não tinha pais.*

Fui com ele saber da casa e da irmã. Afinal é prima e vive com os avós que fazem carvão para sobreviverem.

Na cozinha de adobes e capim, um lume com tachos vazios espalhados pelo chão. Nem sinais de comida...

As pessoas, já sem recursos, estão derrubando as matas de eucaliptos para carvão e lenha.

Um dia de trabalho não dá um saco de carvão. E este não dá um quilo de arroz.

20/5/93

Fui com a Irmã Amélia visitar uma família no bairro do Campo. Fica numa encosta de sol. Terra vermelha. Nas ruas, grandes buracos feitos pela água das chuvas. Nalguns quintais e bem viçosas, árvores de fruto — atenuando os tons agressivos dos regos, das gretas e dos adobes carcomidos das casas. Irmã Amélia todos os dias calcorreia este e outros bairros da zona da sua paróquia. Incansável e com muita ternura, leva algum pão para tanta fome, alimentando a esperança em tantas almas desanimadas.

A família que fomos ver está esfrangalhada: Pai e mãe morreram numa mina. O avô faleceu, há dias. Avó, cega. A menina de peito, apesar de todos os cuidados da Irmã, está a definhar. Sobram três rapazes que irão esta semana para a nossa Casa do Gaiato.

Amanhã visitaremos outra família no bairro da Carreira. Outro caso. A mesma fome e sede de esperança.

Se tu quiseres, podes ajudar esta Irmã indo, espiritualmente, com ela aos bairros com o famelo do que te sobra ou, melhor, do que te faz falta. Basta porer num cheque e mandares: *Casa do Gaiato, Caixa Postal 192 — Malanje — Angola.* Tão simples! Esperamos por ti, no teu dom de renúncia e de amor.

Padre Telmo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Na Beira Baixa

Manhãzinha cedo, com Padre João, fomos serra acima até à Beira Baixa. A nossa primeira paragem foi no alto. Um amigo acompanhou-nos até junto de um barracão onde vive uma família da aldeia. Casal idoso, e três netos que seguem a caminho da escola. Uma rapariguinha de treze anos e os dois irmãos com dez e nove anos. São de uma mãe de nove filhos, infeliz com os pais que os geraram.

Custou a acreditar que naquele antro possa viver aquela gente! De noite, uma trovoadas com chuva forte tinha levado telhas que substituíram por pedras! Pedimos para entrar. Descemos a barreira e, debruçados, conseguimos entrar. Dois pedaços de plástico entre as telhas dão alguma luz. A um canto, o resto da lareira. A outro, uma espécie de cama com roupas amontoadas. Ainda noutro, mais um montão. Nenhum espaço livre. Tudo tão escuro!... O barracão também não é deles.

Cá fora, falamos com a avó. Procuramos fazê-la ver que naquele ambiente não podia criar e educar os netos. A tudo respondeu convictamente: «*Estamos aqui bem; eles vão trabalhar; daqui, só queria ir para o Céu.*» E ergueu as mãos.

Despedimo-nos, angustiados. Não querem sair daquele antro imundo sem luz, sem água, sem banho! Só um montão de coisas e duas tigelas com migas de pão, no café, que comiam quando chegámos. Aquelas três crianças a crescer e a viver ali, são mais filhos sem pai no nosso amanhã. Só pudemos deixar uma pequena oferta para o pão.

Seguimos e parámos na sede do concelho. Encontrámos o pároco da freguesia à porta. Ficámos conscientes de que essa comunidade cuida de seus Pobres. O sacerdote falou das aflições dos sem-casa ou não a têm capaz. Deu conta de como tem repartido aquilo que lhe têm confiado. Deixámos um cheque e fomos ao Abrigo das crianças. O homem que se tem dedicado a elas disse logo: «*Já são dezassete, graças a Deus!*» Quis mostrar o imóvel. Tudo no seu lugar, tudo limpo, conservando o aspecto de pobreza. Os Pobres não se educam em ambiente de riqueza... Ficámos contentes. O amor humano, cristão, daquela gente a fazer obras. Deixámos um cheque para a caiação das paredes interiores e partimos com a bênção das crianças.

Fomos para a outra freguesia onde o pároco se interessa pelo viver dos paroquianos de três comunidades. Tinha apontamentos e contas na mão. Mostrou mais famílias aflitas: Uma mãe viúva com uma filha em cadeira de rodas e filho aleijado sem capacidade para trabalhar, com o telhado da casa arruinado. Uma família que regressou de África — sem nada. O marido é doente e não pode trabalhar. Construíram uma casinha, onde residem, mas os quartos sem janelas, telhado por acabar e toda a moradia com as paredes ainda em toco. Deixámos outro cheque e continuámos.

Parámos ao centro da vila. O pároco apresentou alguns casos que o afligem. Uma avó a criar três netos e a miserável casa que habitam. Pedem, ao menos, um quarto de banho.

Continuámos até outra sede de freguesia onde nos inteirámos de alguns Pobres e seguimos para a sede do concelho.

Mais uma corrida e chegámos à cidade de Abrantes. Com os dois sacerdotes visitámos os dois bairros do Património dos Pobres. Ali, há muito que fazer e prometemos voltar. Era o fim do dia. Regressámos a casa.

Na Beira Mar

No dia seguinte tomámos a direcção do mar. Numa terra grande falámos com os padres que a servem. Encontram muitas famílias novas com habitações sem o mínimo de condições para criar os filhos. Vão tentar ajudá-los — também com a nossa partilha.

Numa das praias o pároco queixou-se da miserável habitação de alguns doentes e velhinhos quando os visita. «*Aquilo corta-nos o coração!*» Ficou com mais o cuidado de ajudar esses Pobres no aconchego de suas casas. Nós prometemos, também.

Numa das vilas, por onde passámos, encontrámos o presidente da sua Conferência Vicentina. Ouvimos inquietações: — *Há tantas famílias a viver aos montes! Há tantos casais novos com vontade de fazer a sua casinha e não têm terreno para a construção! Nós, vicentinos, queremos todos ajudar esta gente, mas a Câmara não cede um palmo de terreno! E a Câmara tem tantos terrenos...*

Fiquei a olhar para aquele homem e procurei comungar da sua angústia. Quando é que os nossos autarcas abrirão as portas dos bens públicos aos mais necessitados?!

Nos últimos tempos, fala-se e escreve-se tanto sobre o problema da habitação dos portugueses. Há já quem tenha feito alguma coisa, mas há tanto a fazer! Vamos demolir as barracas e ajudar todos os abarracados a ter a sua casa decente? Dá, também tu, a resposta. Não fiques calado nem aconchegado no teu egoísmo.

Padre Horácio

Os nossos cinquenta anos

Continuação da página 1

Bem haja este nosso «gaiato» pela consolidação que nos deu.

Ao princípio da tarde surge uma velhinha apoiada em sua bengala que um taxista de Fafe trouxe e levou. Anunciou ao que veio, mas quer que leia carta que traz, que a voz se lhe embarga:

«Soube pelo jornal O GAIATO que eu leio de ponta a ponta logo que ele chega, que vão comemorar os 50 anos de existência da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Por isso eu desejo oferecer 50 contos para a ajuda da Obra, e pagar o jornal de que sou assinante, mas não quero que se saiba, senão Deus.»

Também quero contribuir com a minha ajuda, para a fundação das Casas do Gaiato de Angola e Moçambique, de quem gosto tanto de receber notícias.

Por isso peço ao senhor Padre para enviar a cada uma 50 contos, que eu dou com muito amor em nome e pelo amor de Deus.

Vou mandar alguns nomes de pessoas que querem receber o jornal, pois eu estou no fim da vida e quero que alguém fique na minha vez.

Desejo a todos muita saúde, muita coragem e muita alegria na Graça de Deus e que a protecção da Virgem-Mãe nunca lhes falte.»

Teologia segura, pregada por uma velhinha de poucas letras que a aprendeu directamente do Espírito de Deus. Que a bênção dela também nos assista, agora e sempre.

N'estroutra mensagem, com que termino, não é a Sabedoria o que surpreende, pois quem a envia, estudou a Ciência de Deus. Mas cala-nos muito fundo por vir de um sacerdote desta região.

«Cinquenta anos depois!

A hora é de acção de graças e de alegria para a Casa do Gaiato e seus colaboradores. Quantos problemas, canseiras e perplexidades até chegar à Terra prometida! Dores e alegrias, tantas quantas, à semelhança da mãe que deu vidas à luz do Mundo! Não foi fácil, como nada que é grande é fácil, fazer a travessia do deserto. Mas o pacto, a aliança com Deus existiam: os homens não falharam, Deus também não. Ambos associados e sacrificadamente bem unidos fizeram Obra que é de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

O Estado e a Igreja podem estar e estão imensamente gratos à Casa do Gaiato. Quando a obra é de Deus, as paredes sobem e formam templo, escola e lar, com reconhecimentos de todos.

De alma e coração me associo aos sentimentos de alegria dos habitantes dessa Casa. Parabéns e sempre avante!»

Há cinquenta anos, a atitude, natural, prudente, era mais marcada pela suspeição, aqui e além temperada mesmo por alguma hostilidade. Então, também de um sacerdote vizinho se repetiu a voz do fariseu Gamaliel: «Se Deus não está aqui, não é preciso combater; tudo ruirá. Se a Obra é d'Ele, não vale de nada contrariá-la».

Deus está. Bendito seja!

Padre Carlos

O, nosso Lar em Coimbra

Os rapazes do nosso Lar já estão, quase todos, em férias escolares. Suspiro! É com o grupo deles que ao longo do ano consigo adiantar, ou concluir, aos sábados, muitos dos trabalhos que se acumulam pela semana adiante. Cá em Casa, é grande o grupo dos nossos mais pequeninos. Certas obrigações caseiras exigem força, jeito e experiência que a maioria ainda não possui.

O grupo do Lar é de qualidade. Trabalhadores e solidários. No trabalho, com efeito, são um testemunho para muitos dos seus companheiros de escola. Eles deitam a mão ao que calha e exige prontidão. Alguns dos mais fracos encontram neles esteio e vontade de caminhar. Nisso, uma lição de solidariedade.

Ao sábado despachamos grande parte dos nossos trabalhos agrícolas: sementeiras, sacha, regas, colheitas e outros arranjos principais da Casa. Graças à sua ajuda — que ninguém mendiga — por brotar, espontaneamente, do mistério de interdependência pessoal que caracteriza a própria Casa do Gaiato,

Tribuna de Coimbra

muita coisa se arruma.

Lar e Casa-Mãe — a quinta — a mesma Casa. No Lar se reparte, quotidianamente, o pão comum, amassado pelos nossos padeiros e cozido no nosso forno. Que ninguém nos tire este gosto por mais fermento que o outro leve... Daqui vão os nossos produtos hortícolas, cuidados por aqueles que os consomem. Um gosto redobrado e compensado. E tudo mais que é preciso.

Sobranceiro à Quinta dos Lóios, o nosso Lar é uma bela casa de família com invejáveis condições de acolhimento aos rapazes. Durante o ano conversei bastas vezes com eles sobre a sua casa

e o carinho que esta lhes deve merecer no seu coração. Sentem-na como sua. Mas, às vezes, o sonho leva-os a imaginar camas de marfim e louças de porcelana mágica... Sonhos lindos que só os meninos pobres acalentam. Ignoram ou iludem o sonho dum lar que muitos nunca tiveram. Mas não posso deixar de conduzir o seu coração e inteligência: as óptimas instalações a proporcionar um ambiente estimulante para o estudo e vida familiar; a dedicação de Maria da Luz, mãe da comunidade, sempre atenta ao pormenor mais pequenino; a afeição desinteressada de alguém que os acompanhou, ao longo de alguns meses, no estudo do inglês e francês, com rendimento escolar evidente; a presença semanal do diácono Júlio Pereira na Catequese e educação da fé; a grande quantidade de amigos que ali vêm manifestar a caridade cristã em palavras e gestos de partilha. Esta, a realidade.

Com frequência, tenho ouvido dizer ao nosso Padre Horácio: «O nosso Lar é um testemunho...». Aplaudo. Os rapazes entendem.

Padre João



Cinquenta anos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, celebrados muito em família. Convidados: meia dúzia de Amigos do tempo da fundação e a ela ligados. Padre Baptista presidiu à concelebração dos «padres da rua». Depois, o jantar de festa.



Cartas

«Venho pagar a assinatura... Em breve, ela poderá pagar do seu bolso: o curso de Medicina, apesar de longo, tem um fim. O vosso jornal continua fiel às origens: feito com alma e sobretudo com o coração. Parabéns.

Assinante 27879»

«Envio as mensalidades, pois tenho outras preocupações que me fizeram distrair, sobretudo uma doença sem gravidade, graças ao Senhor.

Os vossos serviços não esqueceram o envio do nosso O GAIATO! Quantas graças e inquietações recebo através desse 'evangelho vivo'!

Assinante 4554»

«Tenho apreciado muito o vosso jornal. Agora com mais notícias sobre Moçambique e Angola sobretudo onde passei os primeiros anos de casada e onde nasceram os meus dois primeiros filhos, rapazes.

Tenho sete (o que toda a gente acha um exagero). Mas nunca fui capaz de sequer pensar que são demais! São todos bons: cinco rapazes e duas raparigas. Amigos dos pais e uns dos outros, que é o principal.

Tudo isto para contar a vós, rapazes, futuros pais de amanhã, uma pequena observação — com muito conteúdo — da minha filha mais nova, com dezanove anos (eu tenho sessenta e um): 'Mãe, ainda bem que nunca tomou nada para não ter filhos porque senão eu é

que não era nascida e adoro viver, e sou felicíssima'. Vejam bem o presente que ela me deu só com esta frase!

Assinante 30071»

«Uma amiga ficou entusiasmada com a visita a uma Casa do Gaiato é decidi oferecer-lhe, por ocasião do seu aniversário, uma assinatura d'O GAIATO que, espero, a encha de alegria e força como o faz a mim.

Um grande obrigado e força no trabalho. Deus está presente!

Susana»



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (056) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239